



Livro de Crônicas

Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia

40 ANOS EM CRÔNICAS

90 ANOS DE JUSTIÇA
ELEITORAL

40 ANOS
DE TRE-RO

2022



ESCALA JURISDIÇÃO ELEITORAL DE RONDÔNIA

**©TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE RONDÔNIA PRESIDÊNCIA
ESCOLA JUDICIÁRIA ELEITORAL DE RONDÔNIA**

Av. Presidente Dutra, 1889 - Baixa da União - Porto Velho-RO

CEP 76805-901

Telefone: 69 3211-2070

Email: eje@tre-ro.jus.br

Coordenação Geral

Juiz Edenir Sebastião Albuquerque da Rosa

Edgard Manoel Albuquerque da Rosa

Eliane Possamai Leite

Marilene Pereira Ceni

Designer Gráfico e Diagramação

Eliane Possamai Leite

Revisão

Marilene Pereira Ceni

José de Barros Gonçalves Filho

Ademar Penha Mendes

Liz Cristina Pinto Duarte

Grupo de Trabalho para Análise das Crônicas

Edgard Manoel de Azevedo Filho

Eliane Possamai Leite

Marilene Pereira Ceni

Ademar Penha Mendes

José de Barros Gonçalves Filho

Denilson Valadão da Costa

Edilson Santos da Costa

Adriana Marques Tavares da Silva

Catálogo

Marta de Lúcia Silva Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia: 40 anos em Crônicas. EJE. 2022.

82 p.

ISBN: 978-65-997236-1-2

1. Escola Judiciária Eleitoral de Rondônia (EJE-RO).
2. Crônicas: 40 anos em crônicas. I Escola Judiciária Eleitoral de Rondônia

CDU-342.88232

COMPOSIÇÃO DA CORTE ELEITORAL

PRESIDENTE

Paulo Kiyochi Mori

**VICE-PRESIDENTE E CORREGEDOR REGIONAL
ELEITORAL**

Miguel Monico Neto

MEMBROS

Clênio Amorim Corrêa

Walisson Gonçalves Cunha

Edenir Sebastião Albuquerque da Rosa

José Vitor Costa Júnior

Enio Salvador Vaz

PROCURADOR REGIONAL ELEITORAL

Bruno Rodrigues Chaves

SECRETARIA

DIRETORA GERAL

Lia Maria Araújo Lopes

SECRETÁRIO DA EJE E DE GESTÃO DE PESSOAS

Edgard Manoel de Azevedo Filho

**SECRETÁRIA JUDICIÁRIA E DE GESTÃO DA
INFORMAÇÃO**

Áurea Cristina Saldanha Oliveira Aragão

SECRET. DE TEC. DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Eduardo Gil Tivanello

**SECRET. ADM. ORÇAMENTO, FINANÇAS E
CONTABILIDADE**

Francisco Parentes da Costa Filho

APRESENTAÇÃO

O ano de 2022 marca os 90 anos de Justiça Eleitoral Brasileira caracterizados pela força de uma instituição séria e dedicada a bem servir aos cidadãos.

Embora possa ser considerada jovem sob a ótica histórica, a Justiça Eleitoral, desde a sua criação no ano de 1930, vivenciou importantes momentos da trajetória nacional com repercussões intensas em sua própria constituição e estrutura.

Ainda novel, com apenas cinco anos de sua criação, foi extinta por iniciativa do mesmo governante que a instituiu, o então Presidente Getúlio Vargas, agora em um outro momento de sua trajetória política, conhecido como Estado Novo.

Restabelecida em 1945, não resistiu ao Governo Militar e ao reboiço político daquele período, só reencontrando estabilidade após a promulgação da Constituição Federal de 1988, da qual deriva o formato de como a conhecemos hoje.

Assim, pode-se dizer que a história da Justiça Eleitoral Brasileira amadurece com o Brasil, também jovem nação em desenvolvimento e aprimoramento.

Ambos assistiram a introdução do voto secreto, a conquista do voto feminino, a adoção do sistema proporcional de representação, a consolidação do pluripartidarismo, a informatização do voto, a primeira eleição após o período de ditadura militar, a introdução da reeleição para cargos do Poder Executivo, os debates sobre a utilização de armas no país, as eleições com restrições sanitárias causadas pela pandemia COVID19...

Ainda juntos, assistem hoje ao surgimento de uma nova era, sob o império da tecnologia que desbancou a imprensa e criou uma nova forma de se fazer política com desdobramentos, cuja abrangência ainda não se conhece porque em pleno processo de autoconstrução.

Vivenciam as investidas dessa tecnologia utilizada por mãos hábeis e de princípios questionáveis que criam histórias atraentes que de tão bem contadas até convencem de sua existência, gerando caos e confusão por toda a parte.

O tempo dirá para onde fluirá essa era nova e quais progressos trarão para o coletivo - e trarão com certeza - restando-nos resistir bravamente, jamais olvidando os princípios constitucionais da Administração Pública: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

E para que nada se perca dessa bonita história, que é também a nossa história, é preciso registrar ao máximo os seus pedaços permitindo, aos que vierem após nós, a compreensão do pedacinho de história que escrevemos no tempo.

Dessa maneira, este livro de Crônicas representa uma pequenina, porém não menos relevante contribuição para o futuro sobre a história nacional, a história da Justiça Eleitoral, a história do TRE de Rondônia, a história de servidores do TRE de Rondônia, que trazem colorido e proximidade às várias histórias que se cruzam no cipoal do tempo.

Edenir Sebastião Albuquerque da Rosa
Diretor da EJE-RO

SUMÁRIO

Apresentação.....	IX
Diretor da EJE: Edenir Sebastião Albuquerque da Rosa	
01. A urna eletrônica	15
Autor: <i>Cícero João de Freitas</i>	
02. D. Maria	17
Autora: <i>Eliane Possamai Leite</i>	
03. O Orelhão de São Carlos	19
Autor: <i>Kenedy de Araújo Gama</i>	
04. O prato regional fatal.....	23
Autor: <i>José Aurimar Machado de Almeida</i>	
05. Eleitora vidente	25
Autora: <i>Cariny Baleeiro Tadiotto Cielo</i>	
06. Vivências na Justiça Eleitoral: Educando o futuro	27
Autora: <i>Erivana Santos Rosa Penedo</i>	
07. A sorte do Urubu.....	31
Autores: <i>Marilene Pereira Ceni e Marco Túlio Alves Sombra</i>	

08. Você geme	35
<i>Autora: Sônia Márcia Fávero Selvátici</i>	
09. Meu voto não está à venda	37
<i>Autor: José de Barros Gonçalves Filho</i>	
10. Cadê a foto do meu candidato	41
<i>Autora: Cariny Baleeiro Tadiotto Cielo</i>	
11. Mátrio poder eleitoral	45
<i>Autora: Cariny Baleeiro Tadiotto Cielo</i>	
12. O marido que escolheu ser ser solteiro	47
<i>Autora: Marilda Crochi Silva Selhorst</i>	
13. O cara de pau	51
<i>Autor: André Frossard Signes</i>	
14. O enviado	53
<i>Autor: Cleiton Bragança Gonçalves</i>	
15. Um eleitor muito curioso	55
<i>Autora: Sônia Márcia Fávero Selvátici</i>	
16. Um varal, uma foto, uma eleição perdida	57
<i>Autora: Sônia Márcia Fávero Selvátici</i>	

17. Mesária marqueteira digital	59
Autora: <i>Cariny Baleeiro Tadiotto Cielo</i>	
18. A motinha	61
Autora: <i>Eliane Possamai Leite</i>	
19. Um voto em branco resolvia	63
Autora: <i>Ana Paula Pascoal</i>	
20. Mentiras e verdades - Meus sete irmãos	65
Autor: <i>Celso Lachi</i>	
21. De boas intenções o eleitoral está cheio	67
Autora: <i>Mariângela Dalmazo de Rosso</i>	
22. O encontro com a jiboia.....	69
Autora: <i>Sirleni Paixão Santana</i>	
23. O título combo	73
Autor: <i>Erick Oliveira Chaquian</i>	
24. Mentiras e verdades - Zé do Bigode	77
Autor: <i>Celso Lachi</i>	
25. O fechamento de cadastro	81
Autor: <i>Erick Oliveira Chaquian</i>	

A URNA ELETRÔNICA



FREITAS, Cícero João de

Uma situação comum no Brasil era a fraude eleitoral desde os tempos do Império, do sertão ao litoral.

República proclamada e a fraude continuava; um candidato vencia, mas era outro quem levava.

Nesse tempo só votava uma elite masculina. Excluía-se analfabetos e a galera feminina.

Apareciam nas urnas durante a apuração, até votos de defuntos! Era grande a confusão.

Eleições aconteciam sempre do mesmo jeito; coronéis manipulavam votos, do início ao fim do pleito.

Leis eram editadas, mas nada muda até então. Foi preciso um Estado (São Paulo) liderar uma revolução.

Exigências atendidas satisfaziam o pessoal. Mulheres passam a votar; cria-se a Justiça Eleitoral.

Tudo parecia dar certo até mesmo na economia, porém golpes de estado interrompem a democracia.

Resistência é iniciada, pois já não há eleição. Com o Congresso fechado, é grande a desolação.

Ônus suportado por todos no campo e na cidade. Até que passado o tempo, retoma-se a liberdade.

Nova República se impõe em respeito às multidões. É a sociedade que se une pleiteando eleições.

Impossível era conter a emoção de votar. Contudo, o voto impresso ainda era possível fraudar.

Constituição promulgada, vota qualquer cidadão. Restaurada a democracia, o que não falta é eleição.

Agora há um instrumento que inibe a corrupção. Pois além de confiável, acelera a apuração.

D. MARIA

LEITE, Eliane Possamai

O atendimento ao público é muitas vezes desafiador, principalmente quando a quantidade de atendimentos é grande e o cidadão precisa ficar horas na fila, para ser atendido. Quando chega a sua vez, ele aproveita para desabafar todo o seu desconforto, e de maneira nem sempre educada.

Assim foram as experiências de atendimentos em 2011, quando o TRE de Rondônia realizou a revisão biométrica na Capital: todos os cidadãos de Porto Velho deveriam comparecer ao Cartório Eleitoral para coleta dos dados biométricos (digitais e foto) ou teriam seus títulos cancelados.

Apesar da correria, do pouco tempo para um “lanchinho”, para ir ao banheiro ou para ouvir as histórias riquíssimas que os eleitores contam, alguns episódios especiais sempre aconteciam e um, em especial, ficou registrado na minha memória.

Tratava-se de uma senhora idosa que recebeu, sob protestos de alguns apressadinhos, atendimento prioritário. Muito calma e simples, ela foi respondendo às perguntas e fornecendo os documentos solicitados.

Na hora de lançar a data de nascimento da senhora, que vamos aqui chamar, hipoteticamente, de Maria, achei que seus documentos estivessem errados e para confirmar perguntei a sua idade. Quase caí para trás quando ela respondeu, pois tinha ultrapassado a marca dos 100 anos. Era de uma docilidade adorável

e riu do meu espanto.

Perguntei onde estavam os seus acompanhantes e ela informou ter vindo sozinha para regularizar o seu título. Era moradora do Bairro Tancredo Neves, o qual fica bem distante do “Tudo Aqui” onde estava sendo atendida e tinha vindo sozinha, de ônibus. Fiquei muito impressionada com a lucidez e a tranquilidade de D. Maria.

A partir daí foi só festa: todos colegas de trabalho quiseram conhecê-la e proporcionar um pouco mais de carinho para o seu atendimento. Foi levada com atenção redobrada para todas as etapas da revisão biométrica e o “tchau” também foi festivo.

Sem dizer muita coisa, D. Maria alegrou nosso dia e sua simplicidade e gentileza, provavelmente oriundas da sua sabedoria secular, deixou em nossos corações uma lição de humildade e de cidadania, pois enquanto tantos jovens/adultos reclamavam nas “filas” por serem obrigados a votar, ela, desobrigada, fazia questão de se manter regular para exercer o seu direito de opinar.

Fiquei imaginando como seria se todos os brasileiros fossem iguais a D. Maria!



O ORELHÃO DE SÃO CARLOS

GAMA, Kenedy de Araújo

A facilidade como a informação nos alcança é verdadeiramente surpreendente, não falo da qualidade da informação, mas do poder dela nos atingir das mais variadas maneiras, quer seja pela TV aberta ou fechada ou pela rede mundial que trouxe o mundo para a ponta dos nossos dedos.

Porém, nem sempre foi assim e nem todos os rincões desse nosso imenso País já podem contar com as novidades da vida moderna, e não precisamos nos valer de outros estados para buscar exemplos: na eleição de 2018, no Distrito de Calama, o único ponto de internet vinha de um órgão do governo que deixava o sinal aberto, gerando uma aglomeração debaixo de uma mangueira próxima, onde a sombra e o sinal eram disputados ombro a ombro.

Contudo, vou voltar ainda mais no tempo e me transportar para as barrancas do Rio Madeira, mais precisamente para o Distrito de São Carlos, com suas escadas intermináveis, onde chegar ao topo carregando urnas na cabeça transforma a aventura em um trabalho hercúleo.

Era nossa primeira eleição informatizada e, na equipe, além de mim, estavam o juiz eleitoral e mais um servidor do cartório, onde o deslocamento ao baixo Madeira tinha por objetivo treinar os mesários.

Naquela época, a comunicação era feita através de orelhões de ficha e dependíamos deles para contato com o cartório e manter

a família informada que estávamos bem. Depois do jantar e de uma briga desleal contra os pernilongos, eu e o juiz decidimos enfrentar mais uma vez as escadas, dessa vez para tentar contato com nossas esposas.

O final da escadaria já nos apresentou uma fila de espera, que depois de percorrida com os olhos, enxergamos a pessoa sortuda que já tinha alcançado o privilégio de poder falar ao telefone. Ainda compondo o cenário, várias outras pessoas se espalhavam pelo local, algumas rodinhas de conversas, bancos improvisados, troncos de árvores servindo de mesa para algum jogo de cartas, um minúsculo campo de futebol onde a bola era disputada pelas crianças e perseguida pelos cachorros. A lua banhava a todos, despejando sua luminosidade por entre as mangueiras e jambeiros.

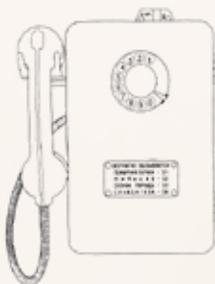
Alguns minutos já haviam se passado, mas a pessoa ao telefone continuava a mesma, mantendo-se fiel a um relato pormenorizado de como tinha passado os últimos dias, a viagem a Porto Velho, sua cirurgia bem-sucedida, a quantidade de pontos, sua recuperação, o trabalho que os meninos estavam dando, as pescarias sem êxito do marido, a falta de dinheiro, as brigas entre vizinhas... assim ia costurando uma história na outra, com a habilidade de uma tecelã. Porém, como bem nos adverte Cazusa, o tempo não para. Quase uma hora de conversa e, ao que parecia, somente nós dois estávamos incomodados com o tempo e os pormenores dados a todos os assuntos. Quando finalmente achamos que a conversa tinha chegado ao fim, pois ela ensaiava algumas despedidas, veio um golpe fatal em nossas expectativas, pois ela disse:

- Mano, foi bom falar com você, mas chama a mãe, pois eu

quero falar mesmo é com ela.

Não preciso dizer que nossa decisão foi dar meia volta, retornar ao barco e deixar a nossa conversa para outra ocasião.

O tempo passou e, relembro aquele momento pitoresco, hoje me deparo com uma suspeita de que a maioria das pessoas permaneciam imperturbáveis com o desenrolar daquela conversa, que vazava por todos os lados daquele orelhão porque ele representava uma forma primária do que atualmente chamamos de rede social.



O PRATO REGIONAL FATAL

ALMEIDA, José Aurimar Machado de

A viagem a Costa Marques em 2002, última das dezoito localidades onde ministramos treinamento do Sistema de Prestação de Contas Eleitorais – SPCE, levou mais de 18 horas a partir de Alvorada do Oeste, inclusive lidamos com entrada de lama no tanque de combustível da Toyota Bandeirantes na qual viajávamos. Socorridos em São Francisco do Guaporé, chegamos ao destino além das 23 horas.

Nossos anfitriões, muito solícitos e acolhedores, esperavam-nos com um prato típico da região à base de *Podocnemis expansa*.

Devido à demorada viagem, a fome acumulara o que nos levou a comer os vários tipos de pratos servidos: cozido, assado, guisado, com farofa, na proteção superior do corpo do animal, etc.

Éramos três e, dado o valor das diárias, compartilhávamos o apartamento nos hotéis. Após o lauto jantar nos recolhemos exaustos! No dia seguinte aplicaríamos treinamento dividido em duas etapas: durante o dia, para os servidores e colaboradores e à noite, para os candidatos e representantes partidários.

Mas que surpresa! Por volta das 4 horas, a *Podocnemis expansa* começou a produzir resultado adverso e nós nos vimos acometidos de um desarranjo intestinal daqueles que não se deseja nem para o pior dos inimigos! Os sintomas incluíam, além de outros: suor frio, tremedeira nas pernas, dentes rangendo, rosto abatido e olhar desesperado!

A situação foi tão séria que o único banheiro não ficou mais desocupado. Quando um saía os outros dois já estavam na fila.

Esse sofrimento perdurou o dia inteiro. Nos treinamentos, enquanto um expunha o assunto um outro estava à porta de entrada e o terceiro no banheiro. Quando o do banheiro voltava, ficava à porta. Quem estivesse à frente ia ao banheiro e aquele que estava à porta ia à frente. Que dia longo!

Na manhã seguinte, debilitados, tomamos a Bandeirantes e rumamos para casa! Era o fim de uma viagem que muito nos ensinou, inclusive que não se deve comer *Podocnemis expansa* com muita fome e tarde da noite! Melhor e o correto: não devemos comê-las!





ELEITORA VIDENTE

CIELO, Cariny Baleeiro Tadiotto

Era dia de fechamento de cadastro eleitoral, em 2008. Aquela fila interminável e toda sorte de ocorrências, conversas, ‘causus’ etc. Só quem trabalha com atendimento ao público sabe as delícias e as agruras que passamos. Pois senta à minha frente uma senhora bem idosinha. Idosinha mesmo, mais de 70 anos, de vestido de chita, cabelo feito coque, e uma daquelas bolsinhas com todo tipo de documento, papel, foto, moeda... que ela ia mexendo para achar a identidade. Eu aproveitei para pedir licença e disse que iria tomar água, enquanto ela procurava o documento. Era aquele momento de respiro no sufoco dos atendimentos do dia. Levantei e ela me fitou com o olhar. Ficou me acompanhando até o bebedouro.

Voltei, peguei o documento e passei ao atendimento. O atendimento eleitoral é super peculiar, envolve várias perguntas e uma delas, a indicação de gêmeo, sempre dá o que falar.

Perguntei: - a senhora é gêmea com alguma irmã ou irmão?

E ela parou, custou entender, aí soltou: - gêmea eu não sou não minha filha, mas falar em gêmeo me lembrou de bebê, e tem um na sua barriga.

Eu tomei um susto, dei uma risadinha e segui no atendimento. Nunca nem falei disto com ninguém e acabei esquecendo o ocorrido, exausta ao final do dia de atendimento.

Pois poderia acabar aqui a história, com o episódio no

mínimo engraçado... mas a graça mesmo veio em junho, no mês seguinte. Tive um mal-estar e fui fazer um exame de gravidez... e não é que tinha mesmo bebê na minha barriga!!!

Fiz toda a eleição 2008 grávida, com ele, meu filho do meio, que a eleitora vidente previu antes mesmo de mim.





VIVÊNCIAS NA JUSTIÇA ELEITORAL: EDUCANDO O FUTURO

PENEDO, Erivana Santos Rosa

Em agosto de 1993, com quase 12 anos de serviço, todos na esfera pública, ingressei ao quadro permanente do Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia – TRE-RO e ali permaneci até fevereiro de 2018, quando me aposentei. Foram 24 anos de vivências especiais, a maior delas, testemunhar a chegada da urna eletrônica e todos os seus desafios.

Quando ingressei, o TRE-RO tinha como endereço um prédio alugado, muito pequeno para abrigar os novos servidores. Trabalhávamos bem amontoados. Em 2000, conseguimos nos mudar para nossa sede própria. Prédio modesto, mas suficiente para abrigar a todos confortavelmente e também atender toda a logística que as urnas eletrônicas requerem.

Trabalhar na Justiça Eleitoral é muito mais que fazer eleição. O contato com o cidadão não se restringe ao atendimento ao eleitor e candidatos e ao dia da eleição. Destaco a intensidade desse contato no advento da urna eletrônica. Foi uma tarefa árdua fazê-la conhecida. Íamos aonde o povo estava: supermercados, exposições e universidades. A qualquer momento cabia uma apresentação: dia, noite, feriados e finais de semana. Todos queriam conhecê-la. As crianças eram as mais ávidas no aprendizado e, apesar de não serem eleitores, percebíamos que os pequenos ensinavam os mais velhos no manuseio e incentivávamos a sua participação.

Mas, apesar de ter sido muito interessante e até divertido, demonstrar o uso da urna eletrônica não é a memória mais querida que tenho da minha jornada na Justiça Eleitoral.

Minha especial vivência de contato direto com o cidadão deu-se pelo engajamento do TRE-RO ao Programa Eleitor do Futuro, criado pelo Tribunal Superior Eleitoral em 2002. O programa (inicialmente Projeto) visa promover ações voltadas para a educação política dos jovens, nos permitiu uma verdadeira aproximação com a população estudantil, desde a pré-escola até a universidade, com ações voltadas para os diversos públicos.

Por meio de parcerias, acadêmicos de odontologia e servidores da seção médica do TRE ensinavam sobre saúde bucal aos pequeninos da pré-escola e, na sequência, a turma dos fantoches, de forma lúdica, introduzia as primeiras noções de cidadania e eleição. Oferecíamos, simultaneamente, diversão e aprendizado.

Servidores ministravam palestras nas escolas para turmas de 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, com o intuito de preparar os alunos para o concurso de redação com tema eleitoral. Tive a honra de coordenar as quatro edições desse concurso, que movimentava as escolas públicas e particulares da capital e de alguns municípios do Interior. Além de envolver os alunos, diversos professores participavam, compondo as bancas de avaliação das redações; empresas patrocinavam as excelentes premiações dos concursos; pais e alunos compareciam ao TRE para as cerimônias de identificação dos vencedores e premiação. Enfim, o TRE entrelaçava-se verdadeiramente com a sociedade. Essa ação teve seus resultados perpetuados em quatro livros, nos

anos de 2005, 2007, 2009 e 2011. Obviamente guardo cada um deles com muito orgulho.

Às crianças menores não contempladas pelos concursos de redação também foi proporcionado um espaço para se expressarem: os concursos de frases com temas eleitorais. Alunos, pais e professores lotavam o auditório do TRE para as cerimônias de divulgação das melhores frases, que eram estampadas em camisetas usadas pelos servidores nas atividades eleitorais e nas camisetas usadas pelos mesários no dia da eleição.

Já na Patrulha Eleitoral, por meio de palestras no TRE, os patrulheiros eleitorais, alunos maiores de 14 anos, eram habilitados a identificar as condutas não permitidas durante o período eleitoral e informar ao TRE para as medidas cabíveis.

Um evento marcante foi ver a cidadania ser cantada a plenos pulmões por diversos jovens num festival de música. Realizado em praça pública, o festival contou com a participação de escolas de música no empréstimo de instrumentos; de músicos renomados na cidade, no julgamento das canções; de diversos servidores na montagem da estrutura física (dentre outras coisas, varremos as arquibancadas) e da população, como espectador do evento.

Palestras nas universidades eram ministradas por servidores, a pedido da instituição ou por iniciativa do TRE, alcançando um público que já exercia o direito do voto.

Com exceção da última, essas atividades semeavam informações para futuros eleitores, mas repercutiam diretamente em eleitores do presente, pois o envolvimento das famílias era um elemento constante.

Hoje aposentada não tenho mais acesso a essas nobres, trabalhosas e divertidas atividades, mas guardo na memória, com muita alegria, toda a vivência que me foi permitida.

Sem saudosismo. Sem nostalgia. Apenas boas lembranças.



A SORTE DO URUBU

CENI, Marilene Pereira

SOMBRA, Marco Túlio Alves

Em visita às Zonas Eleitorais do interior do Estado, no 1º semestre de 2012, como parte das ações comemorativas dos 30 anos da Justiça Eleitoral de Rondônia, o veículo do TRE-RO ao passar por um bando de urubus banquetando-se às margens da rodovia provocou a revoada destes, os quais se lançaram perigosamente em voo rasante em frente ao nosso veículo, que atingiu, em cheio, um deles ou melhor, um deles nos atingiu, dando um susto danado em todos os passageiros, que daí por diante ficaram de olhos atentos na estrada e em mim Assim, de coadjuvante, passei ao papel principal, tendo cada gesto meu acompanhado com toda atenção.

Foi com os olhos cravados sobre mim que conduzi a caminhonete para o acostamento para ver o estrago daquele encontro inesperado. Devo dizer que no íntimo foi divertido ver as carinhas de nojo quando voltei ao veículo para pegar papel toalha e tentar retirar o urubu preso à grade da caminhonete, ou, os restos dele, a julgar pelos olhares das três mulheres a me observarem. Ah, sim, eu estava conduzindo a Presidente, a Diretora e a Chefe do Cerimonial.

Ao retornar ao interior do veículo me espantou não terem perguntado nada acerca do acidente e permanecerem caladas me observando, gratas por eu não ter descrito o quadro o qual achavam

que eu poderia ter visto: sangue, vísceras e penas coladas a carenagem do carro. Pobre ave!

Seguimos viagem num silêncio pesado, absortos nos próprios pensamentos, eu de olho na estrada à minha frente e elas alternando a vigília ora em mim, ora na estrada. De repente, percebi as pontas das asas negras da ave passando de um lado para o outro na frente do capô do veículo e pelo retrovisor, comecei a perceber uma certa agitação. Cabeças girando para a esquerda a perscrutar os veículos que passavam por nós, assim como os passageiros dos outros veículos olhando ostensivamente para o nosso carro, com ares de incredulidade. Daí pensei: que roubada!!! Devem todos estar estranhando esse urubu grudado na frente do nosso carro. E, pelas carinhas lá atrás, podia adivinhar os pensamentos: quer dizer que os restos do urubu continuam presos ao carro... Que papelão... meu Deus! Estamos pagando o maior mico! Mas, logo afastei esse pensamento, afinal, não era para tanto!

Entrando na cidade, foi a vez dos transeuntes encararem nosso carro com um risinho indisfarçado. Oh gente curiosa! Dentro do veículo houve troca de olhares inquisitivos com tanta atenção.

Ao chegar próximo à Zona Eleitoral paramos o carro e fomos dar uma olhada no estrago. Foi então que nos deparamos com uma cena intrigante: duas asas negras, enormes, abertas como se estivessem em pleno voo, emolduravam a frente da caminhonete, sua envergadura cobria o para-choque de um lado ao outro. Então era isso! Um carro oficial desfilando com uma alegoria estranha... De repente, as asas se fecharam. Seria efeito do vento, ou da falta deste quando paramos? Resolvi agir para

nos livrar daquele inconveniente. Eis que, para a minha sorte, ia passando um caminhão da coleta de lixo e o parei para pedir ajuda, afinal, com luvas seria mais adequado livrar-me de uma vez dos restos daquele urubu.

Gentilmente os homens da limpeza pública ofereceram ajuda e passamos a forçar uma abertura na grade para soltar o corpo do pobre animal. De fato, a incursão deu certo! O urubu foi ao chão finalmente e, para espanto de todos, surge de debaixo do carro, meio trôpego a sacudir-se.

Completamente ileso o urubu caminha alguns metros e, sem hesitar, alça voo diante dos olhinhos espantados de minhas queridas passageiras e, também, de outros curiosos que se juntaram em torno de nós para assistirem o desfecho.

O intrépido animal havia ficado preso na grade só com as enormes asas de fora e assim o carro do TRE-RO desfilou pela BR e estradas do interior com aquele magnífico par de asas negras abertas ao sabor dos ventos.



VOCÊ GEME?

SELVÁTICI, Sônia Márcia Fávero

Esta não aconteceu comigo, mas com minha colega durante a revisão biométrica em uma cidade do interior de Rondônia, mas presenciei e me diverti.

Minha colega fala de forma rápida, o que causa quase “cacofonia”, por muitas vezes.

Na pergunta do cadastro eleitoral: “Você é gêmeo”? O que se ouve é “você geme”?

Qual não foi a surpresa no atendimento de um jovem casal, quando o marido vira para sua esposa e diz:

- “ Só as vezes, né amor? ” - com uma cara bem travessa.

Minha colega fica sem graça e os demais presentes caem na risada.





MEU VOTO NÃO ESTÁ À VENDA

FILHO, José de Barros Gonçalves

Há onze anos chegamos ao TRE-RO na condição de servidor requisitado. Agora, no ano de 2022, será o sexto ano eleitoral consecutivo que participaremos de um processo eleitoral, pelo visto daqueles bem acirrados, com muitas emoções a serem narradas!!!

No ano de 2012, por ocasião das eleições municipais, atuamos, pela primeira vez, nas escalas de plantão do atendimento 148.

Em nossa memória recorreu-nos a vaga lembrança da eleição geral ocorrida no inesquecível ano de 2014, de onde depreendemos algumas pérolas advindas dos contatos telefônicos provenientes de todos os rincões do Estado de Rondônia, com todas as suas peculiaridades linguísticas e comportamentais.

Mesmo sendo insignificante para alguns, o atendimento 148, além de um instrumento de grande importância para o eleitor de Rondônia, pois permite ao cidadão um contato direto com os atendentes da Justiça Eleitoral, no afã e na busca por informações, ou para noticiar alguma modalidade de denúncia referente à propaganda eleitoral irregular, crimes eleitorais ou condutas vedadas, tudo isto com fundamento na legislação eleitoral.

Mas o atendimento 148, a despeito de alguns de seus intrigantes chamados, por vezes interessantes e outros nem tanto assim, são mantidos sob sigilo absoluto, sem a identificação de seus

noticiantes, para que se sintam protegidos e seguros. Entretanto, há os momentos de descontração e de imensa diversidade, provocados por algumas notícias um tanto quanto exóticas, que podem e devem, até, ser compartilhadas por se tratarem, realmente, de pequenas pérolas, simplesmente inesquecíveis!

Chamou-nos deveras a atenção, ao final daquele pleito eleitoral, um desses chamados, no mínimo diferenciado dos demais, por sua singularidade, que assim passamos a narrar:

Uma cidadã, residente em um desses longínquos bairros do Município de Porto Velho, teria se cadastrado para ser contemplada com os serviços de transportes ofertados pela Justiça Eleitoral, para, no dia da eleição, fazer o traslado de sua casa até seção onde deveria exercer o seu voto.

A dita senhora era pessoa com deficiência e, de fato, carecia do referido serviço, em função da sua dificuldade de locomoção, mas sentia a necessidade de cumprir a sua função cidadã no dia da eleição a qualquer custo, e isto, sem dúvida, seria vislumbrado com o excelente e adequado auxílio dos agentes a serviço da Justiça Eleitoral de Rondônia, em tempos eleitorais.

Chegado o dia da eleição, um servidor da Justiça Eleitoral, atendente do 148, realizou o contato com a senhora portadora de necessidades especiais, para lhe informar que o solidário transporte da Justiça Eleitoral exerceria seu papel, realizando o seu traslado até o local de votação e, após isto, trazer-lhe de volta à sua residência.

Ato contínuo surpreendente:

O telefone chama na casa da cidadã. O atendente 148 espera

alguns segundos e alguém do outro lado da linha atende:

- Alô.

- Alô, sou atendente do 148 aqui do TRE, gostaria de falar com dona Maria Celestina. Assim falou o atendente da Justiça Eleitoral com um ar esperançoso!

- Sim, espere só um momento. De onde é mesmo?

- Diga que é do atendimento 148, do TRE de Rondônia, por gentileza.

Após alguns segundos de espera, o atendente por fim ouviu a voz do outro lado da linha:

- Sim, quem fala?

- Bom dia, dona Maria Celestina, sou atendente aqui do 148 e estamos ligando para a senhora para confirmar que iremos até sua residência para lhe buscar e a senhora, então, poderá votar na sua seção eleitoral.

Para surpresa do atendente, do lado de lá da linha uma voz enraivada dispara feito metralhadora, sem parar:

- Olha aqui, não vem que não tem!!! Não vou a lugar nenhum com vocês!!! Meu voto não está à venda!!! Vocês querem é comprar meu voto!!!

Sem compreender nada, o atendente tentava se explicar:

- Mas dona Celestina, a senhora se cadastrou aqui conosco para lhe conduzirmos até o local onde a senhora deverá votar, a senhora não se recorda?

- Não combinei nada com ninguém, e já falei: meu voto eu não vendo e não vou a lugar nenhum com vocês!!! Deixem que eu me viro sem a ajuda de ninguém!!! Conheço muito bem essas

historinhas de vocês!!!! Como já falei: meu voto não está à venda!!!

O telefone, de um minuto a outro, simplesmente desligou!!!

E o silêncio tomou conta naquele momento.

O atendente 148 ficou sem entender nada do que ocorrera ali naquele instante, pois dona Maria Celestina constava da lista de cadastro de pessoas com dificuldades de locomoção para ir até o local onde deveria votar. Tudo tinha sido combinado com bastante antecedência com os servidores da Justiça Eleitoral. Mas, pelo visto, dona Maria Celestina, esquecendo-se de suas limitações físicas, por certo, deu seu jeitinho para se deslocar até a seção de votação, sem correr o risco do assédio, mais do que provável, de alguns candidatos, que, durante esses pleitos sempre procuram uma “brechinha” para burlarem a legislação eleitoral e tentarem consignar o sagrado voto dos eleitores a qualquer preço! Mas, eleitoras, feito dona Maria Celestina, já estão mais do que desconfiadas com essa turma e nem sempre estão predispostas a colocarem à venda suas consciências.



CADÊ A FOTO DO MEU CANDIDATO

CIELO, Cariny Baleeiro Tadiotto

Entrou indignada quase quebrando tudo. Gritava querendo falar com o juiz eleitoral, pois o candidato dela não aparecia na urna e aquilo era inadmissível. Atendi e disse que o juiz estava em um colégio eleitoral fazendo vistoria e que já chegaria e perguntei se poderia ajudar. Fiquei em silêncio esperando a resposta e percebi que ela tinha um papel amassado na mão e que ela não abria essa mão de jeito nenhum. Repetiu:

- Só falo com o juiz eleitoral.

Eu comecei a puxar assunto aleatório, falei do tempo, ofereci água e ela tensa com o papel na mão fechada. Demorou e ela, acho que cansou e, foi falando:

- Eu fui votar, daí digitei o número do meu candidato e não aparecia a foto dele, de jeito nenhum. O mesário tentou me ajudar, mas só me confundiu mais. Eu tenho certeza do número e até levei anotado aqui no papel, ó - disse ela mostrando a mão fechada com papel amassado.

Aí eu pensei e me ocorreu que era um ano com eleições de muitos votos, para seis cargos e que era comum as pessoas se confundirem e, na hora, ficarem nervosas. Daí presumi que ela estaria errando a ordem de votação e não estava entendendo as dicas do mesário.

Fui arriscar um novo contato, e disse:

- Olha, só me explica para qual cargo a senhora quis votar

primeiro e não deu certo. E ela disse que era para deputado federal.

“Ué” - pensei! A ordem está certa... e agora? O que será? Fui tentando puxar mais informações dela...

- Nossa! Estranho mesmo não aparecer a foto! A gente faz cerimônia pública de verificação das fotos... as candidatas e os candidatos são todos convocados a aparecer e conferir se a foto tá boa. Temos que investigar.

Aí ela pergunta:

- Ah, o candidato vem aqui olhar a foto?

- Sim, pelo menos o juiz eleitoral chama. Será que o seu não veio?

- Xiiiiiiiiiii!!! Veio nada!!! Esse meu primo é candidato no Rio de Janeiro, fia, tá numa pendura danada de dinheiro, pediu apoio no grupo da família... acho difícil, viu, ele ter vindo aqui pra Rondônia só para ver a foto dele.

“Mistério desvendado” - pensei! Ela está tentando votar em candidato de outro Estado! Aí chegou a hora da explicação:

- Já descobri o problema, dona fulana. A senhora só consegue votar em candidato de onde a senhora é eleitora. Então, no caso, a senhora precisa escolher uma candidata ou candidato de Rondônia, sabe?

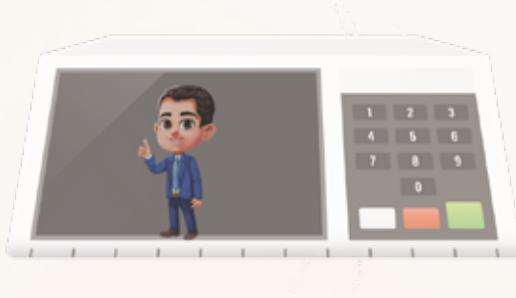
- Vixi!!! Sabia disso não, dona - disse ela, já até meio envergonhada. Eu fiz até tudo anotado os números aqui nesse papel, que agora não presta é pra nada. Eu nem tenho candidato daqui na cabeça.

E jogou o papel no lixo.

- Pois é. Agora a senhora fique tranquila, pega aqui uma

nova ‘colinha’, pensa, anota seus votos em candidata ou candidato daqui e retorna até a seção para votar. Vai dar tudo certo agora.

E foi ela... meio envergonhada, meio confusa, mas, finalmente, tranquila para exercer seu direito ao voto.





MÁTRIO PODER ELEITORAL

CIELO, Cariny Baleeiro Tadiotto

Seções em zona rural são um desafio do início ao fim. Vistoriar o local, transporte, montagem, conseguir mesárias e mesários para atuar, enfim um perrengue só. Em 2020 então, ano de pandemia, o desafio era ainda maior porque nos nossos contatos com uma comunidade chegamos até uma mesária que todos os anos é presidente da seção. Conversa vai, conversa vem, ao telefone, ela confirma que irá atuar novamente em 2020 e a gente aproveita e diz que precisamos de mais voluntários no local, pois está desfalcado.

Ela, então, pergunta:

- Como assim, desfalcado? Não fechou a mesma equipe do último ano de eleição?

E a gente responde:

- Ainda, não, falta uma pessoa. Sua filha este ano não vai trabalhar.

Aí, ouve-se só o berro:

- O queeeeeeeeeeeeeeeê? Ela disse que não vai trabalhar?

Deu aquele receio geral, mas respondemos, com todo cuidado:

- Pois é... ela disse que esse ano não, que preferia ser dispensada, e coisa e tal.

Pois a mãe investiu-se de 'mátrio' poder misturado com poder eleitoral e soltou:

- Ela vai trabalhar sim! Pode colocar o nome dela aí agora! Eu vou falar com ela e a gente se resolve aqui... onde já se viu! Vai trabalhar sim!

Não deu 5 minutos, a filha entrou em contato com a Zona Eleitoral e pediu para ser convocada... e foi assim. Não sabemos se tão voluntária assim, mas é certo que trabalhou e foi tudo bem no final.



O MARIDO QUE ESCOLHEU SER SOLTEIRO

SELHORST, Marilda Crochi Silva

Em um dia normal de trabalho, pela manhã na Central de Atendimento ao Eleitor com um movimento razoável de pessoas, esta servidora, em meio a tantos outros atendimentos, recebe um casal.

Ele aparentemente tímido, logo se sentou à mesa de cabeça baixa e ficou aguardando o atendimento, mal dava para ver o seu rosto, já que usava máscara e boné.

Ela, mais velha que o companheiro, visivelmente extravagante, tanto que consigo descrever os detalhes de seu traje: a jovem senhora tinha os cabelos longos, usava um chapéu de “cowgirl”, preto, estilo rendado, vestia uma blusa estampada, animal print, de onça pintada, um short jeans com detalhes em “strass”, tão brilhantes que chegavam a ofuscar os olhos e um cinto que marcava muito bem sua cintura.

Infelizmente, não consegui ver os calçados dela, mas minha mente idealiza uma bota de cano médio ou até mesmo um sapato de salto vermelho para compor o look proposto. Não quis sentar, seguiu em pé, seu corpo agia como se estivesse com pressa.

Ele, muito pelo contrário, quase não se mexia, como se ali estivesse obrigado.

Ao iniciar o atendimento, fiz o pedido dos documentos necessários para uma transferência eleitoral e ele apresentou o que havia trazido de documento pessoal. Cheguei a fazer um esforço

para identificá-lo, pois parecia se esconder atrás daquele boné.

Já o comprovante de endereço recebi das mãos da vistosa esposa, que parecia mais uma mãe querendo responder todas as perguntas impostas ao filho.

Comecei a ter bastante cautela ao perceber o quão dominante era ela, mas dei continuidade sem me atentar para a pergunta que faria a seguir: estado civil?

Houve um pequeno instante de pausa para nós três. Eu, para auxiliar, citei as opções de resposta que o sistema nos dá, ele escolheu “solteiro”. Foi nesse instante que ela realmente subiu no salto, no sentido figurado da palavra, aumentou a voz e se dirigiu a ele com toda ousadia que uma onça traz na alma e despejou as seguintes perguntas:

- “Solteiro? Ah é?! E o que você faz comigo lá em casa não conta? Tá fazendo o que lá, então? Por acaso mora sozinho? Dorme sozinho? ”.

Ele engoliu a saliva, encolheu um pouco mais os ombros, nem se atreveu a responder e nitidamente queria desaparecer como em um passe de mágica.

Eu logo intervi e me dirigi a ela explicando que no sistema não havia a opção união estável e que se não fossem casados no civil, a resposta dada por ele era a única opção que tinha. Mesmo assim, nada contente, continuou a resmungar não aceitando a tal resposta.

Ao finalizar o conturbado atendimento, entreguei o documento e ele assinou o papel como se a caneta pesasse uns cinco quilos, levantou com tanta dificuldade, como se a vergonha esti-

vesse toda acumulada em seus joelhos.

Confesso que fiquei envergonhada por ele, como as outras pessoas também. Ela ainda resmungava enquanto o homem nenhuma manifestação fazia.

Quando já estavam para sair na porta eu ouvi a última palavra dela: “ solteiro? ” E desse modo seguiram até eu perdê-los de vista.

Acredito que aquele foi um dia realmente pesado para aquele pobre homem, quase que sem rosto, sem vez e sem voz.

Certamente essa história não será esquecida por mim e, por mais engraçada que pareça, espero que ela sirva de exemplo para que um dia, quando houver uma atualização no sistema, a opção união estável seja incluída e que outros eleitores não venham a sofrer um constrangimento desnecessário quando estiverem acompanhados de seus pares dominantes e ciumentos a ponto de transformar um simples atendimento em um pesadelo.



O CARA DE PAU

SIGNES, André Frossard

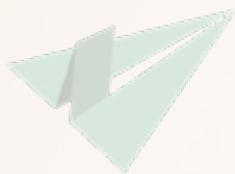
Primeiro turno das eleições gerais de 2014, domingo de votação, primeiras horas do dia 05.10.2014. Estava animado, pois pela primeira vez fui designado para trabalhar no vulgo “CADEIÃO”, local onde é montado o Juizado Especial Criminal Eleitoral (JECRIME), o qual recebe pessoas presas em flagrante pelo cometimento de crimes eleitorais.

Era minha 4ª eleição como servidor da Justiça Eleitoral e achava que já “tinha visto de tudo”, até que um cidadão foi detido em flagrante por arremessar santinhos de seu veículo. Opa, mas isso não é novidade alguma!

Se você pensou assim, tem toda a razão, porém a história ainda não terminou. Quando interrogado sobre o fato, o sujeito explicou categoricamente: “Eu não fiz nada de mais! O meu carro estava cheio de santinhos e eu só fiz limpar o chão jogando os santinhos fora pela janela. Sabe como é, a cada esquina, tem formiguinha distribuindo panfleto e o carro fica cheio de lixo”, disse ele.

Pensei, é engraçado como a criatividade humana aflora nestas horas, notadamente a do brasileiro.





O ENVIADO

GONÇALVES, Cleiton Bragança

Fui ajudar nos trabalhos de revisão biométrica em Machadinho do Oeste e, em um dos atendimentos, uma senhora olhava para tela do computador e olhava para mim, várias vezes. Percebi que ela resmungava a cada coleta de digital realizada e parecia bem desconfortável. Perguntei se estava tudo bem e ela respondeu prontamente:

- Estou fazendo uma oração!

Eu ouvi, de boa, e segui meu trabalho no atendimento.

Terminada a coleta de todas as digitais da senhora, ela olhou e me disse:

- São os fins dos tempos mesmo, né meu filho? Isso aqui tá tudo escrito na bíblia... o que vocês estão fazendo. Eu só vim fazer isso aqui porque senão perco minha aposentadoria! E sabe por que fiquei orando? Pra Jesus queimar cada coisa ruim que venham fazer com isso que tirou dos meus dedos, se isso for a marca da besta!

Eu não resisti e, brincando com ela, soltei: - Calma, senhora. Eu por acaso tenho cara de enviado da besta?

Ela arregalou os olhos e disse:

- Tá amarrado em nome de Jesus! Vai queimando, Senhor, tudo que esse moço fez. Não deixa nada aí nesse computador.

Daí eu expliquei que estava brincando, aproveitei para quebrar o clima de medo e tensão falando que não havia sido

implantado nada nela, apenas feito uma foto das digitais igual usamos na identidade, por exemplo. Enfim, ela ficou mais tranquila, despediu-se e foi para casa, espero que para orar por mim porque oração nunca é demais.



UM ELEITOR MUITO CURIOSO

SELVÁTICI, Sônia Márcia Fávero

Minha história começa em uma tarde de quinta-feira em que estava sozinha no plantão da Zona Eleitoral. Eis que chega um jovem eleitor sisudo, curioso e diz:

- Vocês não possuem câmeras de segurança? Estranho... um órgão público sem câmeras.

Respondo buscando demonstrar calma:

- Passamos por uma reforma recente e ainda aguardamos a implantação, mas temos câmera na porta de entrada e podemos ver todos que aqui chegam.

- Sério? E isto te dá segurança? Poderia ter entrado com uma faca ou um revólver na minha meia e você nem veria.... Respondeu ele.

Rio forçado e digo:

- Mas não é o caso, né?

Ele nada responde... Continua indagando mil coisas acerca de votação e somente para ajudar, o sistema instável, o que demora mais do que o habitual o atendimento.

Terminado o alistamento eleitoral, ele sai apressadamente.

Ufa!! Só foi um susto...



UM VARAL, UMA FOTO, UMA ELEIÇÃO PERDIDA...

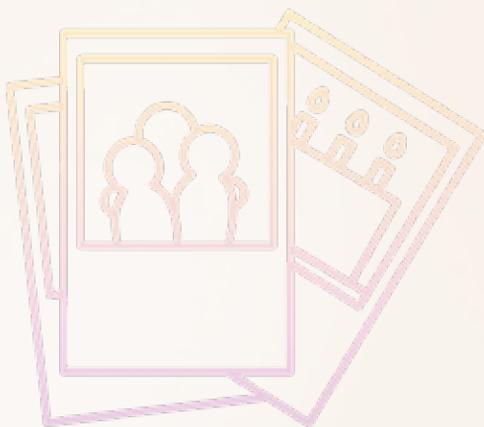
SELVÁTICI, Sônia Márcia Fávero

Registro de candidatura exige do analista atenção e zelo. A verificação do cumprimento dos requisitos é cansativa, mas pode ser interessante.

Eis que dentre as inúmeras fotos de candidatos, deparo-me com uma de um senhor sorrindo com um fundo nada convencional: um varal cheio de cuecas, calcinhas, camisetas. Fez lembrar festa junina com suas bandeirolas coloridas ou uma paisagem típica de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo.

Diligencio para trocar a foto, pois não pode ser com aquele fundo, mas a que veio com o fundo azul, o senhor estava com uma cara triste, com jeito de doente, cabisbaixo... até não ajudaria com os votos.

Acho que poderíamos ter deixado aquela com aquele cenário divertido, quem sabe seria eleito.





MESÁRIA MARQUETEIRA DIGITAL

CIELO, Cariny Baleeiro Tadiotto

As eleições 2020 foram desafiadoras em todo País e isso parece ter mobilizado o melhor e o pior de todo mundo...até das mesárias e mesários. Início do dia da eleição... estarmos todos ali com seções montadas e instaladas já era uma vitória. Daí, no começo da manhã, um administrador de local de votação me chama no WhatsApp e manda um print com os dizeres “olha a postagem desta mesária”.

De cara eu já gelei a espinha, pois imaginei que boa coisa não seria...e não era mesmo! A mesária havia feito um ‘storie’ no instagram com filtro de cara de palhaça, criticando a convocação dela como mesária, marcando o TSE e o TRE/RO.

A minha indignação foi maior porque temos um pacto de convocação de mesários 100% voluntários e, se ela estava ali, certamente se inscreveu e era voluntária. Onde já se viu fazer chacota disto agora? Pois bem. Conteí toda a história para a juíza eleitoral e decidimos entrar em contato com a mesária e verificar a situação, já que estava claro que estava ali na função bem a contragosto – o que, se tratando de eleições em pandemia, só piorava a situação - e isto prejudicava nosso princípio de convocações somente voluntárias. Ademais, tínhamos suplentes na fila de espera e, estes sim, super interessados em trabalhar.

Peguei o telefone e muito educadamente disse:

- Chegou ao conhecimento desta Zona Eleitoral uma

postagem sua, em sua rede social, demonstrando claramente uma insatisfação com a função de mesária e gostaria de verificar isto, pois todos os nossos mesários são voluntários. Você não é voluntária?”

Ela começou a se explicar que era voluntária sim, mas que tinha achado o filtro do Instagram muito legal, que o tal filtro tava “bombando” e pensou em usar, mas não queria prejudicar nada e que por favor não queria deixar os trabalhos não.

Expliquei que atuando daquela forma prejudicaria sim nosso trabalho, passaria uma imagem negativa e que ela havia abalado toda a Zona Eleitoral. Hahahahaha.

Bom, situação explicada, a mesária tratou de apagar a foto e seguiu, sem filtros, a sua atuação na mesa receptora de votos.



A MOTINHA

LEITE, Eliane Possamai

Trabalhar na Justiça Eleitoral parecia um sonho, um conto de fadas que se materializava!

Assim, imbuída das melhores expectativas, tomei posse na Justiça Eleitoral de Rondônia, mas havia também um pouco de medo: fazer eleição, atender eleitor, buscar excelência no atendimento. Muita coisa para aprender!!! Será que daria conta?

Logo no primeiro ano foi marcado um referendo popular, o Referendo do Desarmamento: frio na barriga! E a certeza de que teria uma noção da organização de um pleito eleitoral de uma maneira mais branda, seria um pleito mais rápido. Enfim, vamos lá... Dediquei-me, trabalhei, aprendi a fazer mala direta para lidar com aquela quantidade absurda de documentos que são expedidos na eleição...

Eu queria tudo certinho e para ganhar tempo passei a fazer a convocação dos mesários, eu mesma, na minha “motinha”.

Fomos uma das primeiras zonas a finalizar a convocação de mesários. Tudo aprontado para o Referendo. No dia do pleito, marinheira de primeira viagem, comprei uma roupa só para ir trabalhar nesse dia e coloquei salto alto para combinar (logo eu que não costumo usar). Acordei de madrugada, como é de praxe nesses dias, cheguei cedo ao cartório e: monitora colégios, vê se está tudo certo, atende eleitor ligando. Os primeiros momentos no dia da Eleição são os mais dramáticos para o Cartório Eleitoral, pois até que tudo se acerte e as sessões comecem a funcionar, a

gente não para: é mesário que chega atrasado ou falta e se convoca outro na fila, é urna que não liga ... lá para as dez horas da manhã é que as coisas começam a fluir mais tranquilamente. Isso se não houver nenhuma intercorrência com alguma urna e nem queda de energia...

Depois de um dia intenso e tenso de trabalho, que se estendeu até que todos os materiais utilizados nas seções eleitorais fossem devidamente recepcionados e que os disquetes contendo a totalização de cada uma das urnas eleitorais sob a jurisdição da Zona Eleitoral fossem transmitidos - com os pés moídos dentro do inusitado sapato de salto alto que marcou minha “latejante” estreia no mundo das eleições (salto alto em dia de eleição nunca mais, pensei...) - dirigi-me de volta à minha casa para o merecido descanso. Ainda, sob o ritmo angustiante do toque-toque do salto alto, peguei uma carona para casa, entrei, tomei banho e acho que morri para ressuscitar no dia seguinte - o dia pós eleição devia ser feriado! - Desejei...

Após o café da manhã, prontos para o trabalho, fechamos a casa (eu e meu marido), estávamos atrasados ... e... cadê a “motinha”? O marido questiona olhando para a garagem vazia:

- Você não guardou a moto quando chegou?

- Não. Eu não vim de moto - respondi.

- Xii! Deixei a moto do lado de fora porque achei que iria te buscar!

Resultado: cheguei muito atrasada no trabalho, de ônibus, após o Boletim de Ocorrência na delegacia pelo furto da “motinha”. Até nosso meio de transporte viveu intensamente a estreia familiar na grande festa da democracia.



UM VOTO EM BRANCO RESOLVIA

PASCOAL, Ana Paula

Um jovem casal chega à Central de Atendimento, mãozinhas dadas, todo romântico.

Pergunto do que precisam e o rapaz diz:

- Vim ver como está minha situação, se tem multas... e a dela também - virando-se para a esposa.

Nitidamente sem graça, quase desesperada, a esposa diz:

- A minha não precisa olhar, sei que está tudo certo.

O marido insiste e a mulher concorda, então verifico o cadastro da eleitora e tem multa na última eleição.

Informo que tem multa por ausência às urnas e o marido fica surpreso e enraivecido.

- Como assim? Não votou? Te deixei na porta da escola!!! Tem algum erro nisto!!!

Olho de novo, confirmo o turno e informo.

O marido incrédulo, a esposa levanta da cadeira e diz, muito brava:

- É isto mesmo, não votei, eu que não ia votar naquele louco que você queria...

E a confusão estava formada, saíram brigando.

Alguém precisava informar que poderia simplesmente ter votado em branco, né?





“MENTIRAS E VERDADES I” MEUS SETE IRMÃOS

LACHI, Celso

Só quem um dia viveu em pequena cidade do interior sabe o que eu, agora, pretendo contar. As histórias estranhas de crendices, de tradições, de costumes, das diversas origens dos imigrantes, colonizadores deste vasto País, deixam-me cada vez mais encantado.

Certa feita, no interior de Rondônia, presenciei algo interessante que me despertou a curiosidade. Era ano eleitoral, aliás as primeiras eleições municipais, fui designado pelo Governo Estadual para atuar como defensor público, em caráter temporário, a fim de atender às pessoas carentes da região.

Por falta de escritório, o atendimento era feito em um velho prédio onde um dia foi uma escola da localidade. Estava eu, lá, de serviço quando chegou um morador de uma das linhas rurais, de aproximadamente uns 40 anos e me apresentou a seguinte questão:

- Dr! Eu sou morador da linha 152 aqui do município e pretendo ser candidato a vereador. Minha família é bem grande e tenho muitos vizinhos e amigos. Ocorre que meus sete irmãos, que nasceram nas minhas terras, nunca foram registrados e eu preciso fazer a certidão de nascimento deles para depois fazer o título de eleitor de cada um.

Compreendi a necessidade do interessado. Pedi que viesse com seus irmãos para que eu pudesse dar início ao pedido de justificativa para o Juiz autorizar a lavratura dos respectivos

registros de nascimento.

Na data marcada, para a minha surpresa, vi chegando ao meu local de atendimento, sete varões, enfileirados, do maior para menor, trajas de roça, chinelos nos pés calejados, chapéus de palhas e uma expressão tímida e respeitosa no rosto de cada um, de maneira que mal olhavam nos olhos do interlocutor, pois toda a comunicação só era possível por meio do irmão mais velho, que a tudo orientava, de certa forma branda e carinhosamente.

Alguns dias depois todos tiveram seus registros de nascimento autorizados e posteriormente seus títulos de eleitores.

É provável que todos os sete irmãos votaram no candidato da família.

“Acredite se quiser, pois podem ser mentiras ou verdades”.

DE BOAS INTENÇÕES, O ELEITORAL ESTÁ CHEIO



ROSSO, Mariângela Dalmazo de

Uma candidata participou da eleição de 2020 e foi condenada a devolver 185 reais aos cofres públicos, isso já em meados de julho de 2021.

Vários contatos foram travados com a candidata para que fizesse o recolhimento dos valores que a sentença determinava.

Vale dizer que nossa Zona Eleitoral envidou esforços, de todos os modos, para que nenhum candidato condenado a devolver valores ficasse sem fazê-lo. Resultado: quem não pagou por bem pagou depois que o delegado informou que tinha inquérito por apropriação indébita. Quase zeramos a pauta de devedores. Findou apenas a candidata dos R\$ 185,00.

Nas conversas pelo WhatsApp e, depois de várias notificações, a devedora acabou justificando que não tinha dinheiro para efetuar o pagamento, pois estava desempregada e o único valor que recebia era do auxílio emergencial do governo. Além de estar grávida e necessitar comprar enxovais para o bebê.

Com prazos prorrogados, mais notificações, mais conversas e já estamos em dezembro.

Daí surge uma grande ideia das servidoras do cartório. O espírito natalino entrou em ação. Geralmente fazemos boas ações no final do ano em prol da comunidade e, porque não fazermos uma “vaquinha” e saldar essa pequena dívida?

A empolgação tomou conta. Encerraríamos todos os

processos com 100% de devolução do dinheiro público e Papai Noel Eleitoral entraria em ação.

A festa durou pouco. A parte prática e racional voltou ao cartório e nos questionamos: O comprovante de pagamento que seria juntado ao processo teria o nome de uma servidora (não ficaríamos anônimas); e como dizer à candidata que nós faríamos o pagamento?

Os ruídos na comunicação poderiam dar margem a más interpretações, então abortamos a ideia.

Partimos em busca de outros gestos altruístas natalinos que não pusessem em risco nosso emprego público.

O ENCONTRO COM A JIBOIA

SANTANA, Sirleni Paixão

É comum, no período que antecede as eleições, alguns servidores realizarem vistorias nas escolas, comunidades e outros locais onde serão instaladas as seções de votação.

No ano de 2014, fui escalada para vistoriar cinco dessas localidades, sendo que todas estão na Zona Rural de Cacoal.

Tudo correu bem até a data em que tínhamos, eu e o motorista, que nos deslocamos até a Comunidade Santa Rita de Cássia, da linha 15 “A”, distante 60 quilômetros da cidade.

E olha que, mesmo morando nesse município há mais de 30 anos, não sabia que há uma “extensão”, ou designação diferenciada (não sei o nome correto), para algumas dessas localidades. O que sei é que nos perdemos no caminho.

Seguimos por uma estrada que, segundo nos informaram, chegaria a tal comunidade. A cada residência ou comércio que encontrávamos pelo caminho, parávamos e perguntávamos:

- A comunidade Santa Rita de Cássia, onde é? Tá longe?

E a pessoa gentilmente respondia:

- Segue essa estrada até o fim.

O fato é que chegamos até o final da tal linha e nada de encontramos a igreja.

O que encontramos foi uma “alma boa” dizendo que teríamos que voltar pela mesma estrada e pegar outro caminho. Estávamos literalmente perdidos!!!!

Essa mesma alma boa nos emprestou um telefone, celular rural, para que pudéssemos ligar ao Cartório da 11ª Zona Eleitoral e pedir a localização correta. Graças a Deus conseguimos voltar e seguir outro trajeto.

Na volta, já cansados, com fome, sede e vontade de chegar logo, em um certo trecho da estrada avistamos algo se mexendo.

O motorista só falou:

- Que linda!!!

- Ao que perguntei:

- O quê?

Nessa hora, ele deu ré e chegamos até àquela beleza já dan-tes vista: uma cobra jiboia atravessava tranquila e brilhantemente aquela estrada (o sol estava tão quente que a pele daquele incrível animal refletia lindamente ao longe).

Paramos o carro, descemos, cada um com sua câmera fotográfica, e ficamos ali apreciando aquele momento sublime: a travessia da jiboia.

Ficamos cara a cara com ela, retratamo-la em vários ângulos e poses. Confesso que nunca tinha visto tamanha beleza. Enquanto estávamos lá, observando tudo aquilo, vinham, das duas direções, caminhões, motos, veículos. Pensei, eles vão passar por cima dela!!! Ah, meu Deus! Isso nãããã!!!!!!!!!!

Então, por ter um espírito ambientalista e saber da importância daquele réptil para a natureza, pedi aos passantes que parassem e deixassem a cobra seguir seu caminho e entrar no mato. Missão cumprida! Viemos embora à procura de encontrar a tal comunidade para, enfim, fazer a vistoria da sala onde foi instalada a seção de

votação. Conseguimos o nosso intento, em prol da democracia.

E, para aqueles que acham que tudo isso é história de “trancoso” olha aí as imagens daquele lindo animal.



“O TÍTULO COMBO”

CHAQUIAN, Erick Oliveira

Esta situação ocorreu durante o fechamento do cadastro eleitoral de 2022. Eu estava ajudando a Central do Eleitor nos atendimentos referentes ao título eleitoral.

No decorrer dos atendimentos, chamei a próxima senha e comecei o atendimento de uma pessoa que queria se alistar, pois precisava do título para atender à solicitação da Justiça Comum para conseguir realizar a alteração de nome.

Ocorre que, ao consultar o nome, verifiquei que havia registro na base de dados de perda e suspensão referente a uma condenação criminal. Solicitei orientações da Coordenadora da Central de como proceder, sendo que esta orientou a pessoa a se dirigir ao Tribunal de Justiça e solicitar do setor competente a informação de cumprimento da pena, por meio do sistema chamado Infodip. Após, a Coordenadora pediu que a pessoa voltasse para terminar o atendimento.

Passados alguns dias, já era o último dia do fechamento de cadastro, vários eleitores sendo atendidos de forma rápida, chegando a mil atendimentos em apenas uma manhã, quando então chamei a próxima senha e para minha surpresa, veio a mesma pessoa para ser atendida. Ela disse que voltou para terminar o atendimento, pois havia conseguido fazer o título há alguns dias e haviam informado para ela voltar depois de conseguir a mudança do nome na Justiça Comum para conseguir alterar o nome no título

eleitoral.

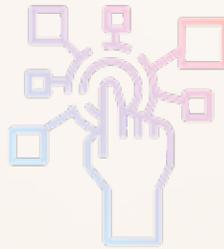
Ao consultar no sistema Elo, realmente ela havia retornado ao cartório e havia sido feito o título dela, mas quando fizeram a primeira vez, por infortúnio do destino, erraram o sobrenome dela e, no mesmo dia, fizeram outro alistamento, o qual levou à duplicidade nos títulos. Assim, não conseguia fazer nenhuma alteração no título dela, pois estava envolvida em duplicidade. Hoje em dia penso, só pode ter sido a Lei de Murphy agindo, no sentido de que “se alguma coisa pode dar errado dará, e mais, dará errado da pior maneira”.

Então, fui até a Chefe de Cartório da Zona Eleitoral do título da pessoa, expliquei a situação e ficamos debatendo como resolver a situação. Pensamos em várias alternativas, até mesmo falar para a pessoa fazer a alteração pela internet. Nesse tempo, deixei a pessoa com a Chefe de Cartório que ia verificar como resolver a situação, e, caso fosse necessário, ela voltaria para eu terminar o atendimento. Depois de um tempo a pessoa voltou e acabei atendendo-a novamente, tendo esta dito que a Chefe de Cartório chegou a uma solução no sentido de ser feito um novo alistamento. Assim foi procedido, tendo a pessoa saído satisfeita com o atendimento da Justiça Eleitoral!

Após realizar o atendimento, retornei à sala da Chefe de Cartório e esta me explicou que junto com o técnico judiciário e outro colega da Corregedoria chegaram à conclusão que não seria razoável mandar a pessoa ir embora e fazer pela internet, pois se ela havia se deslocado até a Justiça Eleitoral isto demandava uma resposta do Cartório Eleitoral.

Por fim, comentei que esse era um dos casos mais complexos que já havia enfrentado, pois envolvia registro na base de perda e suspensão, mudança de gênero e duplicidade, foi quando então o técnico judiciário disse o seguinte: “Esse é um verdadeiro título combo!”.

Realmente, tinha razão o técnico judiciário, era um combo, pois existiam três situações de atendimento para um mesmo eleitor!



“MENTIRAS E VERDADES II”

“ZÉ DO BIGODE”

LACHI, Celso

Zé do bigode, homem bom, trabalhador, tinha o jeito do caboclo simples do mato, nascido lá pelas bandas de Goiás, de voz grossa, fala arrastada, rosto tosco e um vasto bigode bem desenhado na cara.

Cansado da vida difícil em terras goianas, resolveu procurar um lugar melhor para acabar de criar sua família; descobriu que o INCRA estava selecionando famílias para assentamento em terras da União no novo Estado de Rondônia. Vendeu tudo que tinha e foi com a família à procura dessa oportunidade. Assim que chegou lá, “Zé do bigode” foi contemplado com um lote de 42 hectares, na região conhecida do Vale do Guaporé, que estava recebendo os primeiros colonizadores.

Lá morou por longos anos e fez grandes amizades, por ser de fácil trato e bastante prestativo, caiu logo na simpatia de seus vizinhos e moradores da região, pois não tinha desavenças ou qualquer inimizade.

Por dez anos morou no Vale do Guaporé, plantando alimentos e criando gado; porém, mais uma vez, resolveu mudar de profissão, a vida na roça estava castigando muito a sua saúde e sacrificando o bem-estar de sua família. Decidiu tomar uma atitude e, desta feita, deu um pulo mais corajoso, mudou-se para a capital

Porto Velho, pois sabia que por lá seria mais fácil realizar um velho sonho de ser político e trabalhar para o povo.

Logo foi se acostumando com a vida na capital; fez novos amigos, conheceu trabalhadores da construção civil, donas de casa, feirantes e até mesmo alguns vereadores e deputados.

Identificou-se com a arte de fazer política. Orientado por alguns políticos, filiou-se a um partido político de um nome qualquer.

Não foi difícil ganhar a simpatia dos companheiros de partido, pois políticos de experiência viam nele uma grande oportunidade de se aproximar de novos eleitores.

Por conta de sua forte voz, recebeu o apelido de “Zé-trovão”, o barulho das muitas águas.

Chegou a convenção partidária e o Zé saiu logo na frente. Para surpresa de muitos, foi eleito para uma das vagas de candidato a deputado estadual. Imagina a alegria do caipira do sertão, que só tinha o terceiro ano primário, mal sabia ler e rabiscar o próprio nome de José da Anunciação.

Levaram o Zé ao cartório eleitoral para fazer o registro de sua candidatura. Lá pediram uma porção de documentos que custou para organizar e que foram entregues ao funcionário encarregado. Precisou preencher a ficha de candidato, com a própria letra. Escreveu seu nome completo e o apelido de “Zé-trovão”.

Alguns dias depois o Zé foi chamado novamente ao cartório eleitoral para apresentar novos documentos ao seu pedido formal. Um outro funcionário o atendeu brevemente, entregando ao can-

didato nova ficha para ser preenchida. Apesar das poucas letras escreveu tudo direitinho: seu nome completo e também o apelido de “Zé do bigode”, por todos assim conhecido.

Empolgado com a sua candidatura, o Zé saiu às ruas à procura de seus eleitores, ora falando em nome do “Zé-trovão”, outra em nome de “Zé do bigode”.

Com direito a propaganda no rádio e na TV, falava rapidamente para o tempo aproveitar. Na TV mostrava a foto do “Zé do bigode” todo faceiro e confiante. Na rádio era bom de papo e aproveitou a oportunidade para mandar um recado certo para o Vale de Guaporé, dizendo em voz grossa e firme:

- “Quem vos fala é o “Zé do bigode” candidato a deputado. Eu preciso do seu voto para poder ajudá-los. Todo o Vale do Guaporé me conhece e sabe que eu faço...”

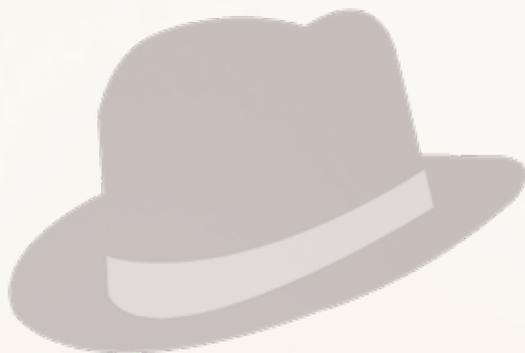
A notícia correu ligeira por todo canto do Estado, gente que o conhecia e outros que o escutaram, cresceu a sua fama como um futuro deputado.

Chegou o dia fatídico e o povo correu às urnas, o voto era de cédula de papel timbrado, a urna ainda de pano, no canto da sala da escola.

Encerrada a votação, as urnas foram recolhidas por policiais armados, seguidos de vários fiscais e guardadas em uma sala da justiça, para no outro dia os votos serem contados.

Passaram-se três longos dias para os votos serem apurados e mais outros cinco dias para serem contabilizados. Por fim, a Justiça Eleitoral proclamou o resultado e alta voz declarou que pelo partido

“Brasil Urgente” foram eleitos, como deputado, “Zé do bigode” e, atrás dele, com dez votos a menos, “Zé-trovão”, como suplente. Não posso dizer ao certo, como tudo aconteceu, só sei que foi assim, se não acredita... nem eu.



O FECHAMENTO DE CADASTRO

CHAQUIAN, Erick Oliveira

Esta situação ocorreu durante o último dia do fechamento do cadastro eleitoral de 2022. Eu estava ajudando a Central do Eleitor nos atendimentos referentes ao título eleitoral. Já havíamos atendido aproximadamente 1800 (mil e oitocentos) eleitores e o horário estava próximo de se encerrar para quem quisesse regularizar, transferir ou se alistar.

Olhei para o relógio e vi que estava terminando o horário de atendimento.

Faltavam poucos minutos para o encerramento do cadastro eleitoral, quando apareceu um eleitor, visivelmente alterado, provavelmente estava bêbado, ou algo pior, querendo regularizar o título.

O colega do meu lado foi quem atendeu este eleitor. Durante o atendimento informou para o eleitor que este possuía condenações criminais e não conseguiria votar. O eleitor, visivelmente fora das suas faculdades normais, ficou reclamando que queria votar. O clima ficou tenso e havia três servidores da área de segurança ao redor do colega de trabalho, para evitar de acontecer algo pior. A Coordenadora da Central também foi ajudar o colega no atendimento deste eleitor.

Por fim, devido ao atendimento prestado com os devidos cuidados, evitando-se um agravamento da situação tensa, o eleitor foi atendido e, apesar da situação complicada, não houve proble-

mas maiores, demonstrando mais uma vez que a Justiça Eleitoral fez um fechamento de cadastro excelente até nas mais difíceis situações!

90 ANOS DE JUSTIÇA ELEITORAL
40 ANOS DE TRE-RO

